

# REVISTA DA SOCIEDADE PHENIX LITTERARIA

**SUMMARIO.** — Considerações sobre a classificação das sciencias. — O Romeiro e a Glória. — Poesias: Hamleto. — A Grecia. — Recordações. — Mea culpa. — Chronica. — Expediente.

## Considerações sobre a classificação das sciencias

Apenas começamos o estudo das sciencias, começamos também a ter a noção das diversas classificações que têm sido propostas sobre a sua hierarchia. A notícia desses diversos modos encyclopedicos nos é fornecida ou pelos compêndios de estudo, ou pelos professores, que, para darem uma primeira indicação do objecto de ensino, dos limites entre os quaes devem estar comprehendidas as suas indagações, dos elementos que devem ser considerados como instrumentos de trabalho, precisam definir sua posição na escala encyclopedica. Ora é isso, exactamente, o que fazem quando procedem à classificação das sciencias.

Indicando-nos, nesse trabalho preparatorio, as bases, a extensão, o fim e utilidade da sciencia a cujo estudo nos propomos, indicam-nos, também, quaes as que nos podem servir de auxiliar, quaes aquellas cujo estudo sera feito posteriormente. Para o estudante, em geral, porém, a utili-

lidade resultante de tales noticias é muito secundaria. Realmente: o caracter vago que elas apresentam, e, além disso, o seu numero contribuem sobremodo para essa impreficuidade. E' assim que se um autor ou professor nos aponta como boa uma classificação qualquer, outras nos são logo apresentadas, e todas sobre tales fundamentos que o estudante, embora o mais bem intencionado, não pôde, geralmente, devido a exiguidade de seus conhecimentos, preferir esta ou aquella, porque não pôde comparal-as, fazendo sobre sahir o que ha de logico e o que ha de vicioso em cada uma. Resulta dahi uma certa indecisão que não lhe permite identificar-se com uma só, o que é impossivel com mais de uma. Adquire, apenas, um ornamento de memoria, porém de nenhum modo a consciencia de sua posição e dos meios correspondentes de investigação. E tanto é assim que a simples observação nos mostra, ordinariamente, entre os estudantes, além do indiferentismo com que recebem a noticia das classificações, um certo embaraço, bem cabido, quando, nas provas a que são submettidos, tem necessidade de invocar-as. Entretanto, se a utilidade proveniente d'essas noções, que bem se poderia chamar temporâas, é tão mediocre, nem por isso deixam elles de ter sua influencia estimulante sobre o espirito. E' devido, sem duvida, a uma tal influencia que somos incitado ás presentes considerações,

— Contemplando a natureza, pareceu-nos encontrar ahi um criterio, segundo o qual se poderia tentar uma classificação de sciencias. Ensaíamo-nos mentalmente na construcção de uma semelhante escala, e notámos depois que, sem termos presente ao espirito a classificação estabelecida pelo immortál Augusto Comte, tinhamos chegado a um resultado quasi identico. Ora, d'entre as classificações, cuja noticia temos recebido, collocamos sempre em primeiro lugar como parecendo-nos mais logica e mais vantajosa, a de Comte; quando, pois, encontrámos, em nosso tentamen, pontos de contacto com o trabalho do grande philosopho, suspeitámos haver no criterio que nos guia, alguma causa de racional. Reflectindo, porém, sentimos a especie de enfado de que se é, geralmente, presa, quando se acorda d'uma doce illusão: havíamos reconhecido que o nosso criterio era, no fundo, se não rigorosamente o de Comte, quasi identico. Da não identidade de criterios provem a não identidade das escalas construidas. Todavia, longe de continuarmos pezaro, operou-se logo a reacção, e sentimos o contentamento que se derrama em nosso intimo, no intimo do homem, quando se adquire uma convicção:

identificavamo-nos com a classificação de Comte. Agora pois aceitamol-a conveniido porque só agora, que a podemos construir raciocinando a nosso modo, compreendemos-a suficientemente. O trabalho que apresentamos, portanto, à consideração pública, será uma débil afirmativa, mas o que nos é possível fazer, será uma fraca e insignificante justificação à classificação de Comte, já entretanto tão soberanamente justificada. Apresentando-a modificada como a podemos obter, apreciaremos depois os motivos porque Comte não a quis assim.

Para estabelecermos o nosso criterio, consideremos o homem procurando a satisfação de suas necessidades: precisa actuar sobre a natureza, precisa sujeitá-la dalgum modo aos seus designios. Se não dizemos com Bichat, que a natureza morta está em antagonismo absoluto e constante com a natureza viva, que aquella tende sempre a destruir a esta, diremos, todavia, que a natureza morta é dalgum modo indiferente à natureza viva, que a natureza inteira é dalgum modo indiferente ao homem.<sup>[\*]</sup> Tornar-a apta a satisfação de nossas necessidades, é o fim do nosso esforço.

Como porém consegui-lo? Dominando-a dalgum modo, apoderando-nos de seus segredos, conhecendo seu modo de accão: esses segredos são as leis, esse modo d'acção é segundo as leis. No conhecimento e coordenação d'essas leis consistem as sciencias. As leis são os pontos fracos da natureza, são seus pontos vulneraveis; conhecer aquellas é vencer a esta, é subjugá-la, é apropria-la aos nossos designios.

Pois bem, o homem interroga a natureza com um fim determinado — o conhecimento das leis. Apresenta-se-lhe logo, aos olhos do corpo como aos olhos do espírito, a matéria constituindo os corpos. Deixando de parte a matéria, cuja essencia constitue o problema eterno de todas as metaphysicas, encontra os seus diferentes modos de ser, isto é, os corpos dotados de propriedades diversas a que denominaremos grandezas. São essas grandezas o que convém e é possível estudar-se, não em si geralmente, mas em seus efeitos. Para que um tal estudo seja methodico, profícuo e racional, é preciso estudar-se em primeiro lugar, e sem desviar o espírito com applicações dos conhecimentos obtidos, as grandezas verdadeiramente

[\*] Desde que o homem vive é porque o meio presta-se a vida, mas entre o receber inconscientemente a influencia desse meio, e o receber-a conscientemente com o poder de modificá-la quando circumstâncias o exigirem, há um grande passo a dar: é o conhecimento da sciencia.

distintas umas das outras, tendo em vista a complicação crescente nos phenomenos correspondentes. Deve-se pois começar pelas mais geraes, as que se apresentam em um maior numero de corpos, e que são tambem aquellas relativamente ás quaes o estudo dos phenomenos a considerar é o mais simples, até as mais particulares, as que se apresentam em menor numero de corpos e cujo estudo é tambem o mais complicado.

Na exploração portanto da natureza, deve-se ter em vista o modo distincto das grandezas a estudar, donde a novidade das leis a descobrir; a complicação crescente dos phenomenos a considerar, donde a ordem de generalidade decrescente nas grandezas correspondentes. Considerando que essa esploração deve ter em vista um fim utilitario — as applicações posteriores para a satisfação das necessidades — podemos pois encerrar o nosso criterio para a construção da escala hierarchica, em uma formula synthetica — *novidade, utilidade e simplicidade: novidade das leis a descobrir, utilidade dos conhecimentos teoricos para uma applicação posterior, e simplicidade decrescente nos phenomenos a considerar.* A diferença entre nosso criterio e o que foi estabelecido por Comte, é que este eminent哲学家, considerando sobre tudo a simplicidade decrescente dos phenomenos, e segundo motivos poderosos que analysaremos mais tarde, não deu grande importancia à novidade das leis a descobrir, o que consideramos sobre-tudo.

Para proceder à construção de nossa escala, de acordo com o criterio estabelecido, devemos começar pela discriminação e classificação das grandezas. Se os corpos em si mesmos não são grandezas, elles manifestam-nos, porém, a sua existencia, ou porque sejam dotadas de umas, ou porque estejam submettidos á accão de outras. E' assim que todos os corpos são dotados de extensão: é tambem a grandeza unica que sabemos positivamente ser-lhes inherente; é mesmo impossivel conceber os sem extensão. Quanto á gravidade, (1) já não é do mesmo modo: se supomos a, sem inconveniente algum, sem alterar de nenhuma modo seus efeitos, sem indagar de sua essencia, uma propriedade inherente aos corpos, inherente à matéria, positivamente da mesma. As teorias modernas,

(1) Supomos, em nosso raciocinio, as observações restritas unicamente á natureza de nosso planeta em si mesmo; deixando de parte os seus movimentos: por isso empregamos a palavra gravidade, em geral, e não em particular, da gravitação universal.

que baseam-se na hypothese do ether, a consideram, não como uma propriedade da materia, porém como consequencia de seus movimentos na massa etherea. Acontece o mesmo com essas forças intimas—grandezas a que os homens da sciencia chamam cohesão e afinidade: a sciencia ignora se são propriedades da materia, ou se, como explica a hypothese do ether, casos particulares da gravidade. E' o mesmo facto que se reproduz ainda relativamente à luz, ao calor e à electricidade: sabe realmente a sciencia se há corpos por si mesmo luminosos, se há uma temperatura propria para cada corpo, se a electricidade é inherent a materia, ou se essas grandezas são manifestações diversas dos movimentos ethereos? A sciencia, a positividade, não sabe. Quanto ao som é questão decidida: não é propriedade da materia, provem do movimento impresso a esta. O que sabemos, pois, positivamente, é que pela existencia dos corpos se manifesta a existencia das grandezas. Estudar as leis effectivas dos phenomenos que lhes correspondem, é estudar as sciencias. Observando, pois, a natureza, para proceder à descrição das grandezas, reconhecemos que destas manifestam-se distintamente as seguintes: extensão, gravidade, calor, luz, electricidade, som, cohesão, afinidade, irritabilidade, sensibilidade e pensamento.

Qualquer que seja a essencia d'estas grandezas, quasquer que sejam as explicações com o fim de unificá-las, o certo é que elas existem de modo distinto umas em relação ás outras, e dão lugar a ordens diversas de phenomenos. Pois bem, adstrinjam-nos a essa distinção que é real e a essa diversidade que é patente.

Procedessemos agora à sua classificação na ordem de complicação e dependencia crescentes dos phenomenos a estudar, reconheceríamos deverem ser collocadas na ordem em que as escrevemos acima. Devido porém à falta de espaço, pois que bem minguado é o que nos cabe n'esta revista, e porque precisamos, n'este artigo, dar uma ideia do nosso modo de pensar, não o fazemos. Admittiremos, logo, como estabelecida essa classificação, guardando-nos para justificá-la em artigo que seguir-se-ha a este. Considerando, portanto, como justificada essa ordem de collocação, equivale a collocarmos em primeiro lugar, na escala das sciencias, a Geometria, por isso que seu estudo não é mais que a exploração dos phenomenos correspondentes à extensão, para a descoberta e coordenação das leis que os regem. As indagações que tenham por fim a descoberta e sistematização das leis dos phenomenos relativos à gravidade, constituem o estudo da Mecanica. Aqui precisamos expli-

car-nos: a gravidade é uma força que actua sobre os corpos, e determina os phenomenos do movimento e do equilibrio. Descobrir as leis do movimento « o equilibrio é um caso particular d'este » é descobrir a Mecanica; determinar as formulas de todas as combinações possiveis d'estas leis, para a resolução de todos os problemas relativos ao movimento, eis o fim da Mecanica racional.

Aqui tornam-se patentes os dois pontos de vista sobre os quais deve ser considerado o estudo de cada sciencia fundamental: um— a descoberta das leis que regem os phenomenos relativos à grandeza correspondente: é a fundação da sciencia, é o estabelecimento de suas bases; outro — a obtenção de todas as combinações, teoricamente possiveis d'estas leis, para a determinação das formulas que devem resolver os problemas relativos à ordem de phenomenos correspondentes: é o fim da sciencia, é o seu objecto. Deixando de parte as considerações que cabiam aqui sobre a possibilidade de cada sciencia a attingir o fim a que se propõe, ve-se, do que temos dito, que se procuramos, pela exploração dos phenomenos naturaes, relativos a cada grandeza, descobrir as leis que os regem, procuramos depois, teoricamente, sem considerar os phenomenos reaes, e menos ainda as grandes correspondentes, descobrir formulas que comprehendam todos os casos effectivos da natureza. É uma consideração que se deve ter presente em relação a cada sciencia fundamental, e que, parece-nos, ainda não foi, geralmente, sentida em relação a todas. Ordinariamente, porém, como o estabelecimento de tais formulas é d'uma dificuldade capital, e não haveria grande utilidade (1) em estabelecer-as para casos hypotheticos, casos que não se dessem naturalmente, o que torna-as-hia inapplicaveis, cingem-se os homens da sciencia, o mais das vezes, ao estabelecimento d'aquellas que se adaptam aos problemas cuja necessidade de resolução já foi manifestada pela observação dos phenomenos naturaes.

Desto modo de proceder, é um exemplo frisante a criação da Cinematica em Mecanica racional; ali, o espirito humano de posse das trez leis que são a base da sciencia, e depois de ter observado os phenomenos effectivos do movimento, procura, pela combinação das leis, obter as formulas que os comprehendam. Houvesse uma quarta, uma quinta etc. leis, essas seriam consideradas em Cine-

(1) Essas formulas não se prestariam ás applicações imediatas, mas seriam vantajosas como instrumentos analyticos.

matica, onde se procura obter formulas theoricas que comprehendam os casos reaes. — 4

Todavia, essas formulas não são definitivas; reconsideradas em dynamica prestam-se à resolução dos problemas theoricos que tem seus equivalentes naturaes.

Este exemplo é, a nosso ver, o mais proprio para nos dar uma ideia do espirito com que devem ser consideradas as sciencias. Não é pois só na Mecanica que é mister deixar de lado a consideração dos agentes determinantes dos phenomenos, devendo proceder assim em cada uma sciencia fundamental. Em Mecanica um tal modo de proceder é hoje perfeitamente assente. — P

Parecerá talvez, porque podem ser muitas as causas do movimento, que não devemos considerar a Mecanica como a sciencia correspondente à gravidade. Ora, para que tenhamos procedido logicamente, basta que esta grandeza seja a causa primordial do movimento: é o que com effeito se reconhece quando, deixando de parte os movimentos moleculares, cuja essencia das causas a sciencia não tem que indagar, consideramos o movimento das massas. Então notar-se-á, ordinariamente, a influencia, quer directa, quer indirecta, da gravidade. E' certo que concebemos a possibilidade da lei de Kepler, sem a existencia da gravidade, deixaria até de estar sujeita a modificação constante que esta força lhe inflige; concebemos tambem a possibilidade da lei de Galileu, não estaria então restrita aos unicos movimentos de translacão, conviria tambem, parece-nos, aos movimentos de rotação, talvez o possam provar, mesmo nas circunstancias normaes, experiencias bem feitas; quanto à lei de Newton, deixar de conceber-a, em um tal caso, seria não admittir a existencia dos corpos. Se estas leis, pois, subsistiriam, independentemente da gravidade, desde que houvesse movimento, o facto é que existe a Mecanica porque existe um sistema de mundos em movimento cujo motor é a gravitação — gravidade universal. —

Seguem-se, em nossa escala de grandezas: calor, luz, electricidade, som e cohesão. Descobrir e coordenar as leis dos phenomenos que lhes são relativos, é explorar a Physica. Compreende-se que cada uma destas grandezas pôde dar lugar a uma sciencia: é o que acontecerá talvez com o correr dos tempos. Como porém a natureza dos phenomenos correspondentes offerece, mais ou menos, o mesmo grau de generalidade, são elles estudadas como partes d'uma mesma sciencia, a pesar de não apresentarem o caracter proprio ás divisões, o qual consiste nas

alterações fundamentaes dos phenomenos relativos a uma mesma grandeza.

Quanto á cohesão, cujo lugar em nossa escala pode causar estranheza, cumpre dizer, com quanto o pretendemos, como já dissemos, justificar em artigo subsequente, que, conforme o nosso criterio, tendo em vista também a utilidade da sciencia correspondente a cada grandeza, não podia esta ocupar outro lugar. E' necessariamente mesmo a razão porque não se tem explorado o seu estudo directo. Talvez se a tenha despresado demais: a arte das construções teria a lucrar com esse estudo, para o que se encontraria na acústica um poderoso auxiliar. Encontrarmos depois em nossa escala a afinidade: é a grandeza que pelos seus efeitos dá lugar aos phenomenos, cujo estudo constitue a Chimica. Após collocarmos a vida: d'ahi a Biologia. Proseguindo em nossa escala, encontrarmos a irritabilidade e a sensibilidade: são as duas grandezas características da animalidade. Parece que deveriam dar lugar, pelo menos, a uma sciencia distinta, de modo que, pelo estudo da vida vegetativa, considerando-setodos os phenomenos communs aos seres organizados se considerasse depois, pelo estudo d'essa nova sciencia, os phenomenos de locomção e sensibilidade—phenomenos communs à vida animal. O espirito humano já tem feito alguma causa semelhante, quando, estudando na Physica, os phenomenos communs a todos os corpos, estuda na Chimica os phenomenos especiaes das combinações. A semelhança porém é mais apparente que real. Para a exploração dos phenomenos physicos não é necessaria a investigação dos phenomenos chimicos. Na sciencia da vida dá-se o contrario: para estudar-se a vida vegetativa ha necessidade do estudo dos phenomenos de irritabilidade e sensibilidade. De facto: para estudarem a Physiologia precisam, os biologistas, proceder ao estudo anatomico dos orgãos, tecidos etc.; ora tendo já reconhecido, nos corpos organizados, um só tecido fundamental—o cellular, e tendo necessidade, para os estudos physiologicos, de estudar as suas diferentes modificações, procedem, por isso mesmo, à indagação para a descoberta das leis relativas aos phenomenos de locomção e sensação, pois que, como o tecido reconhecido, estes phenomenos dependem do sistema nervoso—modificação do tecido principal. Quando mesmo quizessemos basear a distinção das duas sciencias na opinião de alguns biologistas que admitem, no reino animal, a existencia dos tres tecidos, o cellular o muscular e o nervoso, ella não tinha mais fundamento que no caso precedente. Além de que o estudo dos tecidos

deve ser feito sempre quer sejam estes primitivos ou modificações de um unico, é observado tambem que nem em todos os animaes se encontra esses tecidos ; os anatomistas não teêm, até hoje, descoberto nos animaes amorphos mais que o tecido cellular. Continuando na escala das grandezas, encontramos o pensamento, que deve dar lugar à Phrenologia esboçada por Gall, apoiada por Comte, e cujo estudo ainda está embryonario.

Pelo raciocinio feito, concluimos que o estudo das sciencias é o estudo dos phenomenos relativos ás grandezas. Ora, conhecer as grandezas pelos seus effeitos, pela previsão e intensidade de seus phenomenos, é medil-as. Também o objecto das sciencias é a medida das grandezas, afirma-nos o grande Comte, dizi-o o nosso raciocinio. Para que o estudo seja verdadeiramente vantajoso, ou melhor, seja possível, deve-se, antes de proceder-se ao estudo de cada especie de grandeza, proceder a um trabalho preparatorio — o estudo dos processos para a medição de grandezas quaisquer: é o estabelecimento das relações, o estabelecimento das formulas por meio das quaes se possa conhecer as grandezas desconhecidas em função de outras conhecidas, que tenham, em sua variabilidade, uma certa lei de dependencia com as primeiras. Devemos, em summa, proceder ao estudo da Analyse, ao estudo pois da mathematica abstracta. Será por tanto a primeira sciencia a estudar-se. Quanto à ultima, aquella que foi pela primeira vez apreciada e esboçada por Comte, ainda não considerámos. Aqui a dificuldade sofre de ponto, já não podemos assignar directamente a esta sciencia uma grandeza correspondente. Encontramos um typo, a que devem ser referidos os phenomenos — a moral; não é porém causa efficiente. A grandeza geradora aqui ainda é a mesma considerada na Phrenologia. A diferença capital é esta: a Phrenologia considera os phenomenos individuaes, a Sociologia considera o conflito desses phenomenos, ou seja, chocando-se perenemente e gerando outros de ordem mais complicada, cujas relações é preciso conhecer, cujas leis é preciso descobrir.

Fica pois, segundo o que estabelecemos, assim, construída a nossa escala hierarchica das sciencias fundamentaes: Analyse, Geometria, Mecanica, Physica, Chimica, Biologia, Phrenologia, Sociologia.

A primeira constitue a mathematica abstracta; as outras, o que chamamos mathematica concreta.

Nota-se logo, em nossa escala, a falta da Astronomia, que deixámos de considerar e que Comte coloca, em sua

classificação, a primeira das sciencias naturaes. Não consideramos tambem a parte da Physica a que este sabio deu o nome de Barologia. Segundo o noss o criterio que se adaptaria sobretudo à novidade das leis a descobrir, não podíamos construindo uma escala de sciencias fundamentaes, por maiores que sejam a importancia e utilidade das Astronomia e Barologia, considerar estas sciencias, onde não se vai descobrir novas leis porem applicar os conhecimentos ja adquiridos pelo estudo das sciencias anteriores tais como a geometria e a Mecanica.

Comte, porem, inspirado nos principios secundos de sua Philosophia, teve, sobre tudo, em vista o methodo: dahi as razões poderosas que o levaram a proceder desse modo.

Tratando de resumir, e não sendo possivel continuar mos este artigo, propomo-nos, em numero seguinte desta revista, a comparar o esboço de classificação que deixamos, com a classificação de Comte, justificando então, como podermos, a alta racionalidade do trabalho d'este philosopho. Completaremos tambem o nosso ensaio, que ficará constituido com os trez grupos seguintes: mathematica abstracta, mathematica concreta e sciencias descriptivas; sendo a Astronomia e Barologia as duas primeiras d'este ultimo. Procuraremos justificar tambem a denominacão geral de mathematica concreta que demos ao conjunto das sciencias naturaes abstractas.

Rio de Janeiro, de 13 de Abril de 1879.

LICINIO CARDOSO.

(Continua)

## O Romeiro e a Gloria

### « VARIEDADE »

Triste e pensativo, em um dos marcos de seo caminho, parou o viajor, que, ainda na manhã da vida, vê passar mais uma estação.

Vendo o pouco que tinha avançado, e pertinaz no empenho de vencer a jornada, levanta com tudo a tenda de descanso, despe-se do gibão que traz aos hombros, deita-o ao sol para que enxugue o suor, e, sentado, lança um olhar contemplativo sobre o passado, avalia o presente e sonha o futuro.

Tres estádios divisão seos olhos, entre as sebes e ao longo da espinhosa estrada porque trilha : aquem, afogado em denso nevoeiro, onde scintillão fatuos reflexos de um sol que se despede, lubriga o primeiro, e n'elle—a fria e macilenta effigie do passado; aqui, sob alamos frondosos, dos quaes ainda não lhe é dado gosar a hospitaleira sombra que o é invida, vê o segundo, e n'elle—a viva imagem do presente; finalmente, alem, entre nevoas atravessa das por suaves albores de uma ridente aurora que desponta, imerso em matutinos raios que deslumbrão, antevê o terceiro, e n'elle—o atraente e translucido semblante do futuro.

Lhe assomão aos labios successivamente— um suspiro, um bocejo e um sorriso : envolta n'este, vê a esperança ; mergulhado n'aquelle, se afoga o tedio; e adejando n'aquelle outro, ala-se a saudade.

O tranzeunte, que, indiferente ao que o cerca, segue seo caminho, depara com surpreza, a alguma distancia de si, com un vulto que lhe causa impressão:

Vê sentado à beira da estrada, com a fronte pendida á mão, uma pessoa de quem a neblina não lhe deixa distinguir os traços. Julga-o algum octogenario, illudido pela cor de seos louros cabellos. Approximase. Um sentido suspiro lhe desperta a alma, um indolente bocejo lhe fece os ouvidos. Olha attentamente, e um sorriso meigo e angelico mal entrevê na expressão do desconhecido, que fita alem. Encaminha-se para elle, desejoso de lhe arrancar dos labios uma palavrya ao menos, e diz consigo:

« Pobre velho !

« Era que pensará tanto, para tão absonto se entregar a tão longo meditacão ? ! Recorda-se, talvez, de um tempo mais feliz, lembra suas façanhas e prodigios quando moço, e quem sabe ? ... quem poderá sondar os arcanos d'aquelle coração ? Chora, porventura, a sua familia ; maldiz-se por ter sobrevivido a todos que lhe erão charos ; azedá, quicá, seos ultimos dias, lembrando a filha amada ...

« Mas não ! ... distingo junto a si uma farda ! E', sem duvida, o guerreiro que arrimado á sua espada chora-a, como o naufrago, sobre os destroços do esquife que afonto arrostou as ondas, prantêa o leme, o mastro grande e as velas—roubados pelos ventos ao barco d'este, como a força pelos annos ao punho d'aquelle.

« Chora ! o que ?—A ingratidão da patria, pensando, porventura, em eleval-a. E não tem este misero homem uma pouсадa que o guarde das intempories ?

« Ingratidão ! ... Misericórdia !

« Pobre atalaia—que em arenosas praias o ingrato  
nauta esquece, e deixa ao abandono, exposta aos raios que  
cortando-a a meio, a lançarão em estranhos mares,—este  
misero velho espera talvez, que o simon da desgraca,  
depois de o ter afogado no oceano do esquecimento, atire  
seos restos em estranhos campos. Elle lembra o arruido  
da guerra, o troar do canhão, o ruir dos tambores, o te-  
nir das espadas ; e seo coração, amago cheio de seiva da  
arvore exteriormente seca que com o cheiro das tempes-  
tades agita-se e tenta deitar rebentos novos, quer, com o  
cheiro da polvora, levado pelo entusiasmo, sair do ambito  
de seo peito, e, pairando sobre o inimigo, ouvir mais uma  
vez o hymno da victoria.

« Ah ! Não devo approximar-me; não quero roubar-  
lhe este sonho feliz e mentido. Que ninguem venha per-  
turbar a quem procura a solidão. Elle sonha, agora, suas  
passadas glórias, e não devo despertal-o deste doce deli-  
rio... »

« Porem... impossivel ! Não posso resistir, Sua his-  
toria me deve interessar. Vou despertal-o... »

« Mas que ! illudi-me !

« A cabeca que eu julguei coberta de cans, neve da  
chuva dos annos, é loura, tem a cor do ouro, e apenas  
está regada pelo orvalho da manhã. A atalaia que sup-  
puz carcomida pelo tempo, em risco de ser lançada ao  
mar por ventos ríjos, ainda pode um dia ser o pharol que  
guie afouto palizuro, na direccão da barca maior que a de  
Noé, contendo em si o fructo de dezenove séculos, a novos  
montes Atlas, descobrindo d'ahi novas terras, novos ma-  
res e novos ceos : »

Depois de assim ter pensado, o tranzeunte approxi-  
ma-se do desconhecido, que se conserva na mesma atti-  
tude, e diz:

« Bello moço, em que pensas ? Tão joyen ainda, na  
quadra em que a vida é toda amor, toda luz, precoce vejo  
em teo semblante o serio, que só imprime a madurez  
dos annos ! O que tanto preoccupa a mente do man-  
cebo ao despontar seos verdes dias, o que tanto te afflige  
a alma ?

« Acaso amante inconstante, mulher traidora, cravou em teo peito o punhal que mata, que rouba a alegria  
ao teo coração e o sorriso aos teos labios ? Lançaria esta  
fada tyranna por terra as tuas illusões de mancebo, os  
teos sonhos de poeta ?

« Ingrata !... ingrata !... »

« Sorte adversa te arrobaria aos patrios lares, e,  
proscripto, procuras agora o deserto para proferir á soli-

dão tuas endechas ? Mãe extremosa traria ao coração do filho ausente a saudade de um passado feliz ? Viria à imaginacão do viajor, que exposto ao tempo tiritia de frio, a lembrança de seu berço quente ? Traria o ciciar da briza aos seos ouvidos as sonoras canções com que o seo anjo tutelar lhe acalentava o sono ? Ou, no cahir das folhas, sentiria o estalar do beijo materno ? . . .

« E não me responde ! Parece que azedo suas dores, que avivo seo passado, pois vejo que apoia a fronte nas duas mãos, talvez cansado de a sostener em uma só. Fala-me, por Deos. Dize-me o que tens e em que pensas. »

Estas palavras, pronunciadas com força, tirão o ro-mero da lethargia em que jazia. Elle ergue a fronte pensativa, e, tendo no semblante a expressão feliz de quem repentinamente acorda ainda ebrio dos sonhos de ventura, diz ao transeunte :

« Oh tu, que trilhas o mesmo caminho que eu, já que te aprovou roubar a attenção de quem, no dia de hoje, só tem no coração — saudades, e na mente — o ideal da mulher que von pintar-te, dize-me :

« N'estes caminhos desertos e hirtos de espinhos por que trilhas, nunca encontraste, durante a tua peregrinação, uma mulher bella como a estrella d'alva, louçã como uma nympha e vaporosa como um sonho ? A fada que traz envolto em suas vestes o dragão que domina os dous elementos — agua e terra — de nosso planeta ? O anjo que, com suas azas ageis, vôa d'um a outro hemisphario, trazendo presa aos seos cabellos a fita electrica que transmite nossos pensamentos com a rapidez do mesmo pensamento ? A mulher, que foi adorada pelo homem de hontem, fascina o de hoje e deslumbrará o de amanhã ? A mulher, que não cõra de ser amada por todos, — que foi a Beatriz de Dante quando escrevia a Divina Comedia, a Leonor de Tasso ainda mesmo no carcere, a Catharina de Camões no seo Lusiadas, a Josephina de Napoleão nos combates ? A viuva lacrimosa dos avoengos, esposa grata dos de hoje e noiva esperancosa dos vindouros ? Essa mulher que ainda não chegou à sua quadra mais fluorescente, de quem os annos só os nossos seculos, e cresce com elles a sua belleza ? Tem ella dezenove primaveras, e se do tumulto se erguessem aquelles que a virão na infancia, se offuscarão com o seo brilho !

« Ainda bem criancas, sonhando, vi essa mulher, e fascinado desejei-a para mim. Bem como me vês aqui, deparei um dia com um velho, que, nas seis rugas que lhe ornavaõ a alta e espacosa fronte, tinha esculpidos seis seculos. Eu beijei submisso e cheio de respeito as suas mãos,

me curvei ante suas cans que tanto me inspirarão sym-pathia. Li no livro de sua alma o meu sonho, e na expressão de seos olhos — o nome de Dante. Acordando-me, vi que acabava de viver em uma época de seis séculos atraç, pois conversava com o proprio Dante. Ele me disse que essa mulher de que te fallo habitava um oasis cujo caminho escabroso era juncado de cardos, e que para chegar-se a este oasis se tinha de atravessar innumeros saharas, onde sedento morreria o viajor que esmorecesse. Não é este o caminho de que me falou? Ainda é muito longe o oasis que procuro? Diz-me. »

O transeunte, que attento ouvio fallar o romeiro, decifrara o seu sonho, e disse-lhe:

« Levanta a pressa, a tenda de descanso, e caminha, viajor! Não desanimes, o caminho de espinhos porque trilhas — é a vida, e ainda estas em seu alvorecer; o oasis que procuras — será o theatro de teos feitos; e a mulher que te fascina — é a Glória.

Rijo=1873.

Tito Amaral

## ~~Shakspeare~~

HAMILTON

(FRAGMENTO)

~~Ser ou não ser, eis a questão !~~

Deve uma alma repleta de coragem  
Supportar da fortuna os duros golpes,  
Ou deve armar-se contra infinitas dores  
E por-lhes termo, combatendo-as todas?  
Por-mes tempo combatendo-as todas?  
Morrer, dormir, sonhar, é o caso  
Dizer-se que esse sono é o fim supremo  
De todos os soffreiros e martyrios  
Que a natureza nos legou à carne,  
Consiste para nós o ardente voto?  
Morrer, dormir, dormir, sonhar, quem sabe?  
Eis o ponto difficult; e sabemos  
Que sonhos nos virão no sonno eterno,  
Quando expulsarmos para longe a vida?

Ha nisto em que pensar-se. E torna longa,  
Tal pensamento, do infeliz a vida.  
Quem os flagellos supportar quizera,  
E os mil ultrajes que decreta o mundo,  
De um amor despresado as agonias,  
As lentezas da lei, a insolencia  
D'aquelles que governam, e o desprezo  
Que infinge o ignorante ao alto merito,  
Quando bastaria de um punhal a ponta  
Para a conquista do repouso eterno ?  
Quem da vida importuna arrastaria,  
Entre gemidos, o pesado fardo,  
Se não fora o temor apóz a morte,  
Ignoto paiz do qual não consta  
Q'um viajante siquer voltado tenha ?  
Eis da vontade a turbadora causa,  
E o que nos leva das presentes dores  
O jugo supportar, de preferencia,  
A' outros males que nos são incognitos.  
Assim a consciencia, tão somente,  
Transforma todos nós em uns cobardes;  
E da resolução, nas vivas cores,  
Pallida sombra a reflexão projecta ;  
Para o desvio da maior empresa,  
E té mesmo d'acção tirar-lhe o nome,  
Basta nisso pensar-se um só momento.  
Mas, silencio, qu'eu vejo a linda Ophélia !  
Joven beladade, tem lembrança ao menos  
Em tuas orações, de meos peccados.

RODOLPHO PAIXÃO—1879.



## A Grecia

Um nome existe que traduz grandezas,  
Dos tempos idos na soberba historia !  
Um nome egregio que relembrar ufano  
De heroicos feitos a fulgente gloria,  
Es tu oh ! Grecia, portentoso solo,  
Berço das letras, da sciencia o guia.  
Vulto potente, gigantesco, altivo,  
Das aguas Joneas, colossal vigia.

Patria de Solon, Xenophonte e Homero !  
Quem poude a palma te roubar ainda ?  
Perpassa o tempo, as geracões perpassam,  
Mas nada obumbral tua gloria infinita !  
A tella, o marmor, a sciencia, as artes,  
Ind'hoje atestam teo fulgor d'outr'ora !  
Quem com Lysippo, Praxetelles, Socrates,  
Mo fôra dado comparar n'est' hora ? !

D'Athenas, Thebas, Marathon, Sparta,  
Quem pôde ao menos relatar as glorias ?  
Quem é que ao velas poderá sem pejo,  
De Roma astuta, relembrar victorias ?  
Sim, Grecia, és grande pois é grande o genio,  
E santo o german que nos traz a luz !  
N'esse lethargo em que dormitas vejo,  
O teo passado, borbulhar a flux !

Das liberdades o pendão luzente,  
Sempre teos filhos com valor guardaram !  
Que o diga o sangue que tingio teos gladios,  
Lá quando os persas a teos pés tombaram !  
Que o diga Xerxes que tremeo de susto  
Ao ver Leonidas lhe apontar a morte  
Mantendo as iras da soberba Sparta  
Nos peitos bravos da feroz cohorte !

Digam-n'o ainda da soberba Troya,  
Essas ruinas que Virgilio aponta,  
Essa legenda de briosas luctas,  
Que a velha histori com prazer nos conta !  
Oh ! quebra os elos que teos pulsos prendem ;  
Revive a ideia qu'inda não morre ! . . .  
Ergue essa fronte de lauréis coberta  
E dize aos mundos : — o futuro é meo !

Côrte, Dezembro de 78.

T. PORTO CARRERO



## Recordações

*Ao meu presado amigo Colimerio L. F. Pinto.*

*Mon coeur est plein—je veux pleure !*  
( Lamartine.)

Quando o sol no horizonte  
Já cansado inclina a fronte  
Para a banda occidental ;  
Eu contemplo a immensidade  
E me lembro com saudade  
Daminha terra natal !

Nessa hora de harmonia,  
De paz e melancolia  
Suspira o triste exilado ;  
No batel do pensamento  
C'as velas soltas ao vento  
Eu scismo no meu passado

Recordo castos-amores,  
Que murcharam como as flores  
Batidas pelo tufão ;  
De tanta illusão perdida  
Tenho a lembrança esculpida  
No fundo do coração !

Recordo as scenas da vida  
Na quadra leda e florida,  
Que mil delicias contem ;  
E no scismar eu diviso,  
Da irmã finada o sorriso  
Nos labios de minha Mãe !

N'esse enlevo de amisade  
Sinto a setta da saudade  
Trespassar-me o coração !  
E me vejo arrebatado  
A's lembranças do passado,  
Que jamais se apagão !

E' grato ainda sentir-se  
De quando em quando expandir-se,  
Em funda meditação,  
Um'alma murcha, pendida,  
Na doce aurora da vida,  
Por atroz disillusão !

Minh'alma triste padece,  
Quando o sol desapparece  
Do horizonte visual ;  
D'esta triste soledade  
Mando um pranto de saudade  
A' minha terra natal !

ERNESTO MACHADO



### Mea Culpa

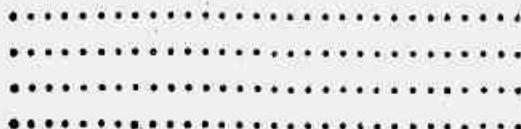
#### A' UMA PECCADORA

Um dia(foi tentação)  
na igreja fitei-te o rosto  
sereno, grave e composto  
no fervor da oração.

Estavas de Christo perto,  
seu lenho sacro fitavas :  
Eu não sei si tu resava,  
mas tinhas o livro aberto.

Na face de tez morena  
suave melancolia ;  
Achei-te naquelle dia  
com ares de Magdalena..

No côro—gentis devotas  
de voses suaves, puras,  
mandavam para as alturas  
do Credo in Deo as notas



Foi, bem sei, profanacão  
contemplar teu lindo rosto  
séreno, grave e composto  
no fervor da oração.

Porem, anjo, me desculpa  
me perdoa esse delicto:  
A' teus pés choro contrito  
*mea culpa! mea culpa.*

Corte, Março de 1870.

M. VALLADÃO



## Chronica

Entregue à um barbeiro, que sem dó nem piedade solapava-nos a cara, recebemos uma brochura de capa amarela tajada de preto.

Era o numero 3 da *Revista*! Impaciente, quizemos logo folheá-lo, porem estávamos n'uma posição tal que não o podemos fazer.

Em vista disto... submettemo-nos.

Terminada a barbeação, e com a cara ainda em brasas começamos a leitura—e começamos justamente por aquillo que tínhamos escrito—a Chronica.

Fizemos como os leitores de romances, que começam pelo fim para saberem logo o desenlace, ou então como o jovem namorado que tento feito algum madrigal à sua *Ella*, espera, ansioso, ver-o em letra redonda.

Assim o fizemos; porém antes não o fizemos!

Teríamos poupadão à nossa alma as lancetadas do desgosto no momento em que vinhamos de livrar os queixos dos golpes da navalha.

Palavras enxertadas umas nas outras, pontos e vírgulas suprimidos—uma perfeita *empastelacão*—tal era o estado a que se achava reduzido o chronicó fructo de nossos pensamentos. Coitado! Viram-no firmado por duas iniciais, juntaram-no num de paes incognitos e quasi que o mandaram para a *Casa dos Expostos*.

Expostos já andamos nós a incorrer no desagrado das leitoras, pelas xaropadas politicas que lhes dâmos.

Não ha muito que uma dessas encantadoras borboletas, (1) jogando por tabella atirou-nos a seguinte tacada : « Este F. de M. está suporfero com os seus folhetins, agora não acha mais assumpto para escrever, senão sobre politica. Pois olhe : era um dos folhetinistas do *Jornal* de quem mais eu gostava. » >> □

Entendemos perfeitamente o recado, querida leitora. Entendemos ; porém... tende paciencia. « Temos mouros à costa. » Nada menos do que o Sr. Martim Francisco feito Conselheiro d'Estado !

O Sr. Martim Francisco ! O homem que, segundo as más linguas, trinca um perú recheiado e bate (2) um cesto de jaboticabas com a mesma sem ceremonia com que fazia opositão ao ministerio que hoje apoia.

Sabemos que elle vos merece as sympathias. Quer fazer-vos doutoras, quer ser o Washington da vossa independencia. Conspira contra a nossa saude, (3) contra a nossa bolsa e... contra o nosso coração ! Pois bem. Em represalia, aconselharemos á S. M. o Imperador que quando tiver de se haver com o novo conselheiro, esconda a sua canja ; esconda, porque do contrario ficará na *hypothese* !

De *hypothese* é que não toma nada o Sr. Zama, com o projectado imposto de 20 % sobre o subsidio. S. Exa. entende que os senadores e deputados são os unicos legítimos servidores da nação e que devem ficar soberanos ao povo que os elege. Acha justo que se equilibre o orçamento, que se taxe o alimento dos principes, porém acha inconstitucional lançar-se imposto sobre o subsidio !

Bonita doutrina ! Exemplo edificante ! E' o pensar de S. Exa. « filho das suas idéas, da força de suas convicções, e não de um vil interesse. »

Outros que duvidem. Nós que o conhecemos das casas velhas, que o vimos algures affrontando o azar da sorte, acreditamos piamente na elevação de seus sentimentos, até mesmo naquelle rasgo de generosidade que o levou a pôr á disposição do tesouro, na proxima sessão, os 20 % que não quer descontar por uma disposição de lei.

E' que o acto *meritorio* de S. Exa., dependendo exclusivamente da sua vontade, poderá ser annullado quando bem lhe aprovuer, ao passo que a *dura lex* o prenderá por mais tempo á boca do cofre, em prejuizo das estrelas do *Brasilian Garden*.

(1) Infeliz comparação !

(2) No sentido de comer.

(3) Nas mãos de uma doutoura jovem e bonita o chronista ficaria cada vez mais doente...

*O Brasilian Garden!* Que de gratas sensações (1) este nome não nos disperga ! Theatro das *Variedades* na mais lata accepção desta palavrya, era ali que quizeramos ver reunidos os votantes do imperio para lhes mostrar como, ao som *des Cloches de Cornedille* e ao estourar do champagne, a nação é bem representada por alguns de seus eleitos !

Ah ! Principe Miguel da Natureza ! Tropa um momento naquelle palco, theatro de tuas primeiras glorias ; derrama sobre elle as flores da tua intrincada rhetorica e proclama aos quatro pontos cardinais as virtudes do *gerimum* cosido descobertas pelo Sr. Bernardo Gavião.

Está passada a Semana Santa.

A igreja fluminense commemorou dignamente os sofrimentos d'Aquelle que « vio na sua morte a salvação do mundo ; d'Aquelle que, fora da fragilidade, assistirá do alto da paz divina as consequencias infinitas de seus actos, e que mil vezes mais amado depois de sua morte do que durante os dias de sua vida, virá a ser á tal ponto a pedra angular da humanidade, que arrancar o seu nome deste mundo, seria abalar ate os seus fundamentos. »

Mui de propósito extrahimos o pedaco acima de um livro (2) condenado pelo Vaticano, sem duvida por não estar de acordo com as doutrinas do Christo, alteradas pelos seus Vigarios na Terra.

Desejavamos que alguém, versado nos sagrados canones, nos dissesse quaes as razões que levaram os homens de Roma a contemplar no seu *Indice* o livro de E. Renan.

Talvez que existam, e de grande peso ; mas o chronicista declara francamente—do alto da sua nihilidade—que por mais que as busque —não as encontra, e só vê ahi o sacrificio da verdade, o predominio do amor proprio sobre os interesses da humanidade, causa mui diversa da doutrina pregada pelo Christo desde as planicies risonhas da Galiléa ate o cimo escalvado do Golgotha.

Passou a Semana Santa, porém não passou, nem passará, o entranhado amor que votamos aos nossos queridos leitores, e mui especialmente aos assignantes da *Revista*. (3) Cada vez mais intenso, este amor não fica ador-

(1) Princípio de um discurso que ouvimos e onde o orador...  
Cata-te boca ; Não pia !...

(2) A *Vida de Jesus*, por E. Renan.

(3) Boas criaturas ! Ainda nos devem alguns cobres, porém « isto não tem importancia, não vale nada » como diz... não sei quem.

mecido no fundo do coração. Manifesta-se, não só por actos de extrema liberalidade, como também de beneficencia.

Além de um cartucho de amendoas, que podem mandar buscar... na confeitaria, vamos ensinar-lhes dous remédios, um para « tosse » e outro para quebranto. Para a tosse—fumaça de enchimento de Judas, bem molhado, e para quebranto—um pouco de alecrim bento, torrado e bem moidinho, para tomar às pitadas.

E agora, leitoras, crescei e apparecei. O chronista zombará dos vossos mimos olhados e... pontinhos.

« Temporal desfeito! » Era o grito que se ouvia no domingo à noite, 13 do corrente, no theatro D. Pedro II. Alguns aspirantes à guardas-marinha, aproveitando a monção da Paschoa, fizeram-se de vela em direcção ao dito theatro e ali deram fundo. Mais tarde, sobrevindo um forte temporal, garraram e foram de encontro à não—Rosa Villiot.

Acudiu o rebocador—Policia; porém, longe de sair, concorrem para que houvesse maior numero de beques e gurupés quebrados. Afinal, quando o vento roncou, os aspirantes, largando varredouros e cutelos, fizeram proa à fragata—Escola, onde se abrigaram.

O chronista enche-se de jubilo, não com a reféga do Pedro II, mas por ver que a *syphilis* do indiferentismo ainda não contaminou todos os filhos deste grande imperio: que ainda ha nelle quem não se deixando assollerhar por tristes exemplos, busque, cheio de fé, a realização das boas idéas.

Alguns moços, estudantes da Faculdade de Medicina desta corte, reuniram-se e assentaram promover a confraternisacão dos academicos dos cursos superiores do Brasil.

Neste intuito, e como elemento indispensavel, crearam um jornal — *A União Académica*, que sahirá duas vezes por mez. Os dois primeiros numeros, que temos à vista, trazem artigos científicos e litterarios que muito recommendam os nomes que os firmam. (1)

O chronista, que não passa de « um illustre desconhecido » cumprimenta os novos collegas, e em nome da sociedade à que pertence, felicita-os pela brillante estréa, desejando-lhes uma *União* forte e duradoura.

Mas uma noticia, e com ella terminaremos:

Victor Hugo, o maior vulto litterario do seculo, acaba

(1) Chapa n...

de completar 78 annos de idade, e para solemnizar tão grato anniversario deu-nos mais um poema — *A Piedade Suprema*.

Neste, como em quasi todos os trabalhos de tão fecunda lavra, a Humanidade é o thema principal. O poeta a estuda debaixo de todos os pontos de vista, segue-a nas suas mais complicadas evoluções, e sempre justo, severo e calmo, expõe-lhe os vícios com a mesma velevidade com que exalta-lhe as virtudes.

Não sabemos o que admirar mais na *Piedade Suprema*; se o arrojo da imaginação a pára do colorido da frase, ou se o bom senso philosophico apár da veridade histórica. E como nas obras de Victor Hugo torne-se difícil a escolha de trechos, porque nellas tudo se eleva à altura do sublime, abriremos ao acaso o novo poema, e delle transcreveremos :

### LOUIS XV ENFANT

Regardez cet enfant de cinq ans; la feuillée  
N'a pas d'oiseau plus pur, plus frais, plus ébloui;  
La bénédiction semble sortir de lui.  
Tout en lui dit; Vivez! aimez-moi! je vous aime.  
Il est fait de candeur et de grâce suprême;  
Quoiqu'il ignore tout, il a l'air d'un flambeau;  
Trait d'union de l'âme à l'ombre; il est si beau  
E si doux qu'on dirait que l'église et la fable  
Ont dû, pour composer cette tête ineffable,  
Meler l'enfant Jésus et l'enfant Cupidon;  
Son regard ingénue fait l'effet d'un pardon;  
Et l'homme le plus dur lui-même est sans défense  
Devant cette adorable et radieuse enfance.

Até aqui o poeta trata do « menino » cercado pela auréola da innocencia, indiferente ainda ás bajulações da corte. Agora já elle o vê « principe » arrastado pela influencia perniciosa dos cortezãos, que lhe dizem :

Tout ce peuple est à vous!  
Vous avez ces enfans, ces hommes et ces femmes;  
Vous possédez les corps, vous possédez les âmes;  
À vous leur toit, à vous leur or, à vous leur sang;  
Le champ et la maison sont à vous; ce passant  
Vous appartient; souffler si vous voulez qu'il meure;  
Toute vie est à vous, en tous lieux, à toute heure

Depois desaparece a criança, toda innocencia, toda candura e fica o homem, o rei cheio de vícios e cheio de orgulho:

« *Donc la terre est à lui, les hommes et les femmes !  
Toutes les passions l'allument de leurs flammes.  
Sa volonté devient plus fanve à tout moment ;  
Il grandit ; et l'on sent poindre lugubrement  
L'ongle du tigre au bout des ailes de l'archange ;  
Il ne sait même pas qu'il déchoit et qu'il change,  
Il s'ignore imbécile, il s'ignore méchant  
Tant dans la voie obscure, hélas ! il va pénchant !*

.....  
Il est cynique, il est infâme, il est horrible ;  
Il foule de l'azur la frontière impossible ;  
Il se suppose au ciel et l'enfer en lui croît ;  
Il dit : Tout m'est permis, et seul j'existe ; Il croît ;  
Avoir sous ses talons de la poussière d'astres ;  
S'il en tire un plaisir, qu'importe cent désastres ?

.....  
Quoi ! n'est il pas le roi, le maître, le seigneur ?  
L'homme lui doit son sang, la femme, son honneur. »

Paremos aqui. É mais que bastante para o leitor julgar da importância do poema. Não queremos profanar a obra sagrada pelo genio do grande escriptor; não queremos deturpar esse fructo de uma intelligencia que parece rejuvenescer com a velhice, e por isso conservamolo na lingua em que foi escripto.

M. V.

#### EXPEDIENTE

Fomos obsequiados durante o mez com os seguintes jornaes: da Corte e província do Rio de Janeiro—Diario de Campos, Monitor Campista, Revista Illustrada e União Academica; do Piauhy, o Semanario; do Amazonas, Echo Militar; do Pará, Puraqué e Equador; do Maranhão—Commercio de Caxias e Escola; do Ceará, Pedro II<sup>o</sup>; do Rio Grande do Norte: o Liberal, Correio de Natal e Correio do Norte; de Pernambuco—Diario de Pernambuco; das Alagoas: Estréa, Papagaio, Paulo Affonso e Revista do Instituto Archeologico e Geographico; do Espírito Santo: o Espírito Santense, A Ideia, Gazeta da Victoria e Actualidade; de Sergipe: Sagittario, Imparcial, Guarany, Jornal do Aracajú e a Patria; do Paraná, o Paranaense; de S. Paulo: Gazeta de Campinas; de Santa Catharina: o Despertador e o Conservador; de Minas Geraes: o Baependyano, Mozaico—Ouro Pretano, Colombo e Monitor-Sul-Mineiro; do Rio Grande do Sul: Violetta, Livramento, Revista Gabri-elense, Figaro, Reforma, Cruzeiro do Sul, Caixeiro, Alvorada e Echo da Fronteira; de Matto Grosso, o Iniciador. A' todos os nossos agradecimentos.